

Revista Latinoamericana de Psicopatologia

Fundamental

ISSN: 1415-4714

psicopatologafundamental@uol.com.br

Associação Universitária de Pesquisa em

Psicopatologia Fundamental

Brasil

Caetano da Silva, Antonio Damião

A estátua viva - corpo e temporalidade na perversão

Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, vol. VI, núm. 3, septiembre, 2003, pp. 120-143

Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=233018065009>

A estátua viva – corpo e temporalidade na perversão*

Antonio Damião Caetano da Silva

*Este texto desenvolve a análise de uma organização psíquica marcada por expressivos traços perversos, tendo-se como eixo privilegiado as manifestações da implicação *Corpo-Tempo*. Utiliza-se como material de análise a novela “Loucura...” do poeta português Mário de Sá-Carneiro (1890-1916). Aponta-se a supervalorização egóica e correlativa desqualificação do objeto, percebendo-se então o objeto ser elevado à condição de fetiche na tentativa, por parte do sujeito, de evitar a angústia de castração e o reconhecimento da diferença sexual. Assinala-se o quanto estar imerso na completude narcísica faz instaurar a ilusão de um tempo eterno, sem ameaças e sem angústias.*

Por fim, desfeitas certas garantias ilusórias, vê-se o sujeito, no mais completo desamparo, ser lançado em face de um inevitável colapso psíquico.

Palavras-chave: Corpo, objeto-fetiche, narcisismo, temporalidade, desamparo

* Este trabalho foi apresentado no III Colóquio do Curso de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo, SP, no dia 14 de setembro de 2002.

Meus agradecimentos a Flávio Carvalho Ferraz por incentivar a publicação deste trabalho.

*Um pouco mais de sol – eu era brasa,
Um pouco mais de azul – eu era além.
Para atingir, faltou-me um golpe de asa...
Se ao menos eu permanecesse aquém...*

*De tudo houve um começo... e tudo errou...
- Ai a dor de ser-quase, dor sem fim... –
Eu falhei-me entre os mais, falhei em mim,
Asa que se elançou mas não voou...*

(Extrato da poesia *Quase* de Mário de Sá-Carneiro)

Introdução

121

Este trabalho, tendo como tema de análise a novela *Loucura...* de Mário de Sá-Carneiro (1890-1916), busca acompanhar, à semelhança de um caso clínico, as vicissitudes da personagem central da novela, o escultor Raul Vilar. Nesse acompanhamento, procuramos colocar em evidência traços marcantes da personagem, em sua singularidade psicopatológica,¹ que nos pudessem ajudar a compreender os trágicos acontecimentos narrados pelo enredo novelístico.

Nossa análise se norteia na perspectiva de uma *crítica literária de vertente psicanalítica*, a qual, nas palavras de Green,

1. Termo utilizado aqui na perspectiva da Psicopatologia Fundamental, que é explicitada por Berlinck como estando “interessada num sujeito trágico que é constituído e coincide com o *pathos*, o sofrimento, a paixão, a passividade. Este sujeito, que não é nem racional nem agente e senhor de suas ações, encontra sua mais sublime representação na tragédia grega. O que se figura na tragédia é *pathos*, sofrimento, paixão, passividade que, no sentido clássico, quer dizer tudo o que se faz ou que acontece de novo, do ponto de vista daquele ao qual acontece. Nesse sentido, quando o *pathos* acontece, algo da ordem do excesso, da desmesura se põe em marcha sem que o eu possa se assenhorear desse acontecimento, a não ser como paciente, como ator.” (2000, p. 18)

... ocupa apenas uma parte do campo da crítica. O recorte de seu objeto permite ao psicanalista atingir um aspecto do texto que outros procedimentos não conseguirão revelar; em contrapartida, é justamente este aspecto, e apenas ele, que virá à tona, deixando aos outros setores da crítica a tarefa de abordar o que falta. Entretanto, para desvendar todos os tesouros escondidos, convém que o psicanalista tenha feito previamente, *in vivo*, o percurso que possa relacioná-lo com o que sua consciência desconhece necessariamente para se abrir ao campo do inconsciente, o qual é antes de mais nada *seu* inconsciente, condição essencial para falar do inconsciente dos outros, até mesmo em se tratando de textos literários. (1994, p. 14)

Desse modo, não se espere naturalmente aqui uma interpretação exaustiva do texto literário em todas as suas diversas ressonâncias multiplamente motivadas, pois a crítica literária psicanalítica tem sua especificidade. Como diz Green, “é óbvio que outras abordagens podem levar a outras interpretações. Mas é conveniente que cada uma vá em frente em sua tarefa, apresentando claramente suas hipóteses de trabalho e tirando delas o melhor que têm a dar” (1994, p. 16).

Outrossim, é importante observar que procuramos desenvolver nossa análise numa perspectiva unicamente textual, sem levar em consideração as relações do autor com seu texto.

Assim, começamos nosso trabalho descrevendo as primeiras e significativas impressões manifestadas pelo narrador da história novelística a respeito da inusitada e conturbada personalidade do seu amigo escultor.

Mal-estar na diferença

Eu e Raul conhecemo-nos desde os bancos do Liceu. Nos primeiros tempos, foram bem frias as nossas relações; coisa alguma anunciaava nelas uma grande amizade futura. Pelo contrário: eu olhava com especial embirração para o rosto branco e cor-de-rosa, para a cabeleira loura anelada desse rapazinho de enormes olhos azuis, que me lembravam uma miss inglesa. Ele, por seu lado – conforme mais tarde me confessou – também durante alguns meses nutrira por mim uma secreta antipatia. Incomodavam-no as minhas feições másculas, a minha cor trigueira, os meus cabelos negros e lisos; numa palavra, toda minha figura, que era a antítese da sua (p.12).²

2. As indicações de página dos trechos da novela *Loucura...* referem-se a Mário de Sá-Carneiro, *Loucura... e o incesto*.

Como se, nesse princípio de relacionamento, houvesse manifestado um mal-estar qualquer precisamente por tais diferenças físicas.

Mais adiante, observa o narrador:

... uma tarde, à saída das aulas, Raul se pusera a sovar, sem mais nem menos, um pobre entezinho enfezado e raquítico – o melhor aluno da turma, por sinal. Eu acudira. Com dois murros obriguei o malvado a largar a sua vítima; em seguida, soquei fortemente o selvagem que se retirou cabibaixo e resmungando (p. 12).

A agressividade de Raul se manifesta em aparente gratuidade, “sem mais nem menos”, nos diz o narrador. Outra vez, podemos ver aqui esse suposto mal-estar, esse incômodo, traçado por uma *diferença* – a vítima é alguém que se destaca, “o melhor aluno da turma, por sinal”. Como se houvesse pouca disposição a diferenças e uma animosidade a qualquer traço de singularidade.

Continua o narrador:

Julgava com este ato de justiça, ter ganho o ódio eterno do brutinho. Qual não foi o meu espanto quando, na semana seguinte, tendo eu partido a perna duma bancada, Raul se foi acusar espontaneamente para me evitar a repreensão! (p. 12)

Sem dúvida, um insólito comportamento. Mas, o que o teria motivado? Teria a atitude violenta do outro despertado em Raul alguma simpatia? Algo da ordem de uma *identificação com o agressor*?

Desde esse dia ... a nossa mútua antipatia transformou-se em uma simpatia mútua. Eu aceitei os seus olhos e os seus cabelos; ele tolerou a minha cor terrosa, e grande intimidade se foi estreitando entre nós (p. 12-3).

Freud, em “Psicologia das massas e análise do eu” (1921, p. 2587), diz que uma das possibilidades de identificação “pode surgir sempre que o sujeito descobre em si um traço comum com outra pessoa”.

Laplanche e Pontalis (2000, p. 231), fazendo referência ao papel atribuído à *identificação com o agressor*, escrevem que “é impressionante o fato de as observações relatadas situarem geralmente este mecanismo no quadro de uma relação não triangular, mas dual, que, como muitas vezes sublinhou Daniel Lagache, é de fundo sadomasoquista”.

Uma fantasia sadomasoquista

A amizade entre os dois vai num crescendo, sem que no entanto o amigo deixasse de perceber um Raul dotado de um bizarro caráter.

Ora alegre, ora triste; ora falador – sem poder estar um minuto calado – ora conservando-se largo tempo silencioso... Por coisas insignificantes, assaltavam-no às vezes terríveis cóleras...

Freqüentemente tinha idéias esquisitas, duma esquisitice sinistra. Por exemplo, uma noite – depois dum dos seus costumados períodos de mutismo – exclamou de súbito:

— *Gostava que morresse toda gente... todos os animais e que só eu ficasse vivo...*

— *Para quê? – perguntei espantado.*

— *Para experimentar o medo de me ver completamente só, num mundo cheio de cadáveres. Devia ser delicioso!... (p. 13)*

São fantasias de um nítido colorido sadomasoquista. Ao lado do desejo onipotente de implicações sádicas e destrutivas – “*gostava que morresse toda gente*”, vê-se, ao mesmo tempo, a explicitação de um mórbido prazer no medo de se ver completamente só, “*devia ser delicioso!*”. Tudo que é vivo – pessoas, animais – se mostra assim destituído de qualquer traço de singularidade. Só restam então, além de Raul em sua máxima expressão narcísica, cadáveres indiferenciados.

Configurando-se então, por meio dessa fantasia, uma aparente necessidade vital de supervalorização egóica, em completa desconsideração a quaisquer outros aspectos da realidade (Naves, 1999). O que nos induziria a pensar que para Raul o desejo do outro, enquanto revelação da marca indelével de sua singularidade, não pode ser reconhecido e muito menos valorizado (Birman, 1996).

Para além do tempo

Mais adiante, refere o narrador:

Foi a ele que mostrei os meus primeiros trabalhos literários. Geralmente elogiava-me, acrescentando todavia:

— *Gabo-te a pachorra, homem! Para que diabo te servirá isso?*

— *Para nada – respondia-lhe de bom humor. – É um entretenimento que não faz mal a ninguém...*

— *Para entretenimento... – murmurava ele com um sorriso desdenhoso. – Ah! Tu precisas te entreter... Para isso escreves; isto é, trabalhas. Mas, meu caro, “entreter” significa passar tempo. Ora, o tempo passa acelerado em demasia; não necessita de impulsos. Os homens deviam procurar “entreter” o tempo, e não entreterem-se a si... Eu é isso que faço... Penso no passado... Assim levanto uma barreira entre o presente e o futuro. (p. 14)*

Raul diz que os homens deveriam procurar “entreter” o tempo; por seu lado, diz que procura *entretê-lo*, buscando antepor uma barreira entre o presente e o futuro. Mas, afinal, que ameaça poderia vislumbrar esse sujeito ante a inelutável passagem do tempo? O que poderia existir de tão ameaçador que o fizesse temer o curso transitório do mundo?

Talvez possamos ver aqui a busca por parte do sujeito da negação da passagem do tempo, do desejo de instauração de um tempo eterno, que remontaria ao momento do narcisismo, onde então, quando criança, não mais se encontrava submetido a nenhuma ameaça, a nenhuma angústia; imerso na completude narcísica, o sujeito tentaria restaurar a ilusão de imortalidade (Santos, 2001). Nesse estado, agora, já não mais existiriam para ele a doença, a morte, a renúncia ao prazer e a limitação da vontade; as leis da natureza, assim como as da sociedade, deverão deter-se ante sua pessoa. Haveria de ser de novo o centro e o motivo de toda criação: *Sua majestade o bebê* (Freud, 1914).

A desqualificação do objeto

Uma manhã, falava-lhe eu dos mais formosos livros de amor; bordava comentários sobre a comovente Manon, sobre o assombroso Werther, sobre a romântica Dama das Camélias. Citava o Dante, Camões, Petrarca; fantasiava um episódio lírico, no qual – à luz do luar – deslizassem por diante dos olhos de dois noivos todos os amores célebres.... O meu amigo que parecia interessado, soltou repentinamente uma gargalhada estrídula clamando:

— Tudo isso são idiotices... O amor? Pf... Mas que vem a ser o amor? Uma necessidade orgânica, nada mais. Para obrar, podemos servir de um vaso de louça; para amar precisamos de um recipiente de carne... (p. 15)

Dessa maneira, Raul demonstra, sem disfarces, um incontestável sentimento de desvalia em relação ao amor. A relação com o outro se vê assim desfiliada de qualquer conteúdo afetivo, restringida a puro ato mecânico, colocada na condição de simples “necessidade orgânica”. Vemos aqui a imagem de um corpo em extremo desvalorizado, cruelmente comparado, numa perspectiva que se poderia dizer perversa, a um insignificante e vil “recipiente de carne”. Um ponto de vista, digamos, por tudo distante desse outro onde se levasse em conta agora a singularidade do desejo.

Na verdade, os vinte anos de Raul haviam decorrido sem uma página de romance. Nunca um sorriso de mulher viera iluminar a sua mocidade... (p. 15-6)

Afinal, o que nos podem dizer essas palavras acima, proferidas por Raul? Podemos pensar, sem dúvida, em uma desqualificação do feminino. Contudo, não seriam essas chocantes palavras – marcadas nitidamente pelo desprezo – manifestações encobridoras de um horror inconfesso a essa mesma, enigmática e aterrorizante, figura do feminino? Em caso afirmativo, como poderíamos explicar a origem de um tal horror?

Quando um menino descobre pela primeira vez a região genital de uma menina – nos diz Freud (1925a) – começa por mostrar-se indeciso e pouco interessado; não vê nada ou rejeita sua percepção, a atenua ou busca desculpas para fazê-la concordar com o que esperava ver. Somente mais tarde, quando alguma ameaça de castração se faz efetiva sobre ele, só agora, tal observação se lhe torna importante e significativa. A recordação ou a repetição dessa observação desperta então no menino uma terrível convulsão emocional que lhe impõe a crença na realidade de uma ameaça que até esse momento havia simplesmente considerado um mero motivo de riso. De tal coincidência de circunstâncias, surgirão duas reações que podem chegar a fixar-se e que, em tal caso, quer separadamente, cada uma de per si, quer ambas combinadas, quer em conjunto com outros fatores, determinarão permanentemente as relações do sujeito com as mulheres: o horror ante essa criatura mutilada, ou bem um triunfante desprezo pela mesma.

Muita vez, para o distrair, tentei carregar com ele para qualquer “reunião familiar”. Nunca o consegui. Dizia-me: ... não há mesmo ninguém, senão eu... Ah! Não sentir ninguém perto de nós... fazer só o que a nossa vontade exige... parece impossível que se ame a vida familiar... A família! Que náusea!... (p. 16)

Raul diz: “*Não há mesmo ninguém, senão eu... fazer só o que a nossa vontade exige...*” – reflexo, sem dúvida, de uma supervalorização egóica, de uma incapacidade, talvez, a possíveis vinculações objetais.

A estátua viva

Após três anos passados na Bélgica, o narrador retorna a Portugal.

Durante minha ausência, as notícias de Raul haviam sido escassas. Ao chegar a Lisboa, a minha primeira visita foi para ele. Recebeu-me com as mãos cheias de gesso, no seu antigo escritório, transformado agora em ateliê de escultura. No auge do assombro, bradei: — O quê? Então tu à última hora deste em artista?!

— *Como vês – respondeu serenamente. Por que te admiras tanto?*

— *Em primeiro lugar – tornei – porque te desconhecia essa habilidade... Depois como, segundo as tuas fantásticas teorias, se não deve ocupar o tempo em coisa alguma para que ele renda mais...*

— *Foi por isso justamente que me armei em escultor: Faço estátuas. As minhas estátuas não são como as outras, meu velho, têm vida... Vida, percebes?... Em vez de fazer carne com a minha carne, faço vida com as minhas mãos; isto é, com o meu cérebro, que as conduz. Faço vida, o tempo passa sobre as minhas estátuas, não passa sobre mim... (p. 16-7)*

Há um sentimento de onipotência – “faço vida”, diz Raul. Bem como essa fantasia de imortalidade – “o tempo passa sobre as minhas estátuas, não passa sobre mim...”. O *eu* do sujeito é idealizado; um *eu*, no entanto, que em essência se sabe vulnerável aos perigos que remontam às vivências infantis de desamparo e aniquilamento. Assim, pensamos, é na criação dessas “estátuas que não são como as outras, que têm vida...” que se dimensionaria para Raul a formação de um *duplo*, duplo fantasmático que o protegeria frente a angustiante perspectiva de morte e castração (Santos, 2001).

A formação do *duplo*, nos diz Freud (1919), vem preencher a necessidade de proteção ante a ameaça de destruição do *eu*, configurando-se a partir de um enérgico desmentido à onipotência da morte.

Indaguei pormenorizadamente da sua vida. Nela continuava a não aparecer nenhuma mulher. Quando lhe perguntei, por rodeios, exclamou:

— *Mulheres?... Para quê? Não tenho as minhas estátuas, não tenho mármore?... E a dizer isto, acariciava os seios duma maravilhosa dançarina grega. (p. 17-8)*

Ascensão espiritual

Apesar da amizade crescente entre os dois, Raul Vilar nunca se propunha acompanhar o amigo aos salões que este freqüentava assiduamente. Porém, numa determinada ocasião, finalmente o amigo conseguira convencer Raul, agora já célebre escultor. Mais tarde, à saída do baile, para grande espanto do amigo, Raul diz não ter se aborrecido e comenta:

— *Alguém levou o meu espírito para outras regiões. Só o corpo, o animal, ficou nas salas.*

— *E qual foi a criatura que operou tamanho milagre? Quem foi esse homem extraordinário...?*

— *Não foi um homem.*
— *Uma mulher?... Ah! Então comprehendo tudo.*
— *Não comprehedes coisa alguma....*
— *Uma criatura fez-te esquecer tudo. Essa criatura foi uma mulher... Nova e bonita, não é verdade?*
— *Já te disse que o “animal” ficou na sala. Não viu portanto a minha companheira. A minha alma só é que a viu... e a minha alma achou-a linda...* (p.23-4)

Raul, numa aparente cisão egóica, contrapõe: de um lado está o corpo – “*o animal que ficou nas salas*”; do outro está o seu espírito – “*levado por alguém para outras regiões*”. Tendo como pano de fundo um interdito qualquer, só agora, através desse aparente processo de cisão, o sujeito pode-se permitir ter acesso ao sexo oposto – o feminino enquanto diferença e alteridade. É na negação do corpo que a alma, livre de sua servidão, pode agora transcender a todo e qualquer traço distinguível de sexualidade: “*A minha alma só é que a viu... e a minha alma achou-a linda*”.

Institui-se desse modo “um universo de reciprocidade total, de igualdade num terreno comum” (Rosolato, 1990, p. 30), invocando uma identidade fantasmática entre almas que – configuradas na destituição da diferença sexual – podem se pôr, agora, ao abrigo do que há, enquanto fundamento último, de mais angustiante e terrífico para o *eu* – a ameaça de castração.

O objeto fetiche

A mulher a respeito da qual os dois amigos conversavam era Marcela, a filha da condessa de Vila Verde.

No verão seguinte, o escritor resolve fazer uma viagem ao exterior. Alguns meses depois, de retorno a Portugal, o amigo encontra um outro Raul.

Alegre, despreocupado, nada misterioso... Indaguei: a alegria datava da véspera. O motivo: é que nesse dia, ajustava-se o seu casamento com Marcela... O fim do mundo ter-me-ia causado menos espanto... (p. 27)

E mais adiante, comenta o narrador:

A estátua que Raul atualmente cinzelava era Marcela. Aperfeiçoava-a para o Amor e – sem pensar na pedra – pensava agora só na sua carne, mármore ardente, palpitante... Imaginava, ensinava-lhe requintes de volúpia. Ela, de bom grado, se prestava a todas as suas fantasias. (p. 32)

O corpo de Marcela, pensamos, instituído em estátua a ser cinzelada, adquire então o estatuto de um objeto-fetiche.³

Um corpo tornado “*carne, mármore ardente, palpítante*”, estátua viva que “*de bom grado se prestava a todas as fantasias*” do escultor; corpo tornado objeto de gozo, na aparente destituição de desejos próprios. Corpo-fetiche que a um só tempo parece “alojar em sua estrutura tanto a recusa quanto a afirmação da castração” (Freud, 1927, p. 2996).

Nunca lhe deixou usar espartilho. Gostava de sair com ela pouco vestida: os braços seminus, o colo a adivinhar-se, as pernas cobertas de invisíveis meias negras, cingidas por uma saia apertada. “O meu maior prazer”, exclamava, “seria passear com o teu corpo nu, mostrá-lo pelas ruas para que toda a gente pudesse admirar a minha obra-prima! Sim! Fui eu que formei, que dei fogo... vida a este corpo!...” (p. 33)

Há nessa passagem uma clara ambigüidade; se por um lado poder-se-ia pensar numa valorização da feminilidade, na exaltação do corpo feminino, percebe-se, no entanto, que esse corpo vem preencher necessidades outras, é um corpo automatizado, destituído em sua singularidade; um corpo fetichizado a ser exibido, “*para que toda a gente*” – diz o escultor – “*pudesse admirar a minha obra-prima! Sim! Fui eu que formei, que dei fogo... vida a este corpo!...*”

O objeto é elevado à condição de fetiche com o intuito de exercer controle absoluto sobre a figura feminina. Esse fetiche tem a função simbólica de, ao mesmo tempo, reassegurar e desvincular o sujeito do objeto frustrante. Assim, o objeto para o perverso tem que estar presente o tempo todo, mas sob seu total controle, pois só assim sente-se protegido do perigo da castração e da mãe fálica perigosa. (Naves, 1999, p. 117)

Uma tarde – Oh! Recordo-me tão bem da cena – Raul disse-me para ir jantar a sua casa. Fui. Marcela apareceu sem saber da minha presença. Ao ver-me, estacou ruborizada. É que estava positivamente nua. Vestia uma túnica que não lhe cobria as costas, que lhe deixava o peito quase todo descoberto. Raul, ao notar a sua perturbação, soltou uma cristalina gargalhada e – voltando-se para mim – clamou: — Já que não posso mostrar a ninguém a minha melhor obra, ao menos que a conheças tu... Eu nunca tive segredos para ti!... Com um

3. Segundo Rosolato, mesmo a mulher e o pênis parecem poder desempenhar o papel de fetiche. “A metonímia revela-se aqui por uma outra característica, a *redução*. A mulher ou o pênis são reduzidos a uma descrição linear, percorridos pelas carícias ou pelo olhar num interminável *recenseamento* de detalhes onde se *perde* numa contemplação ilimitada” (1990, p. 25).

puxão, despojou Marcela do seu leve vestuário... Numa aparição ideal, eu vi o seu corpo inteiramente nu... Que corpo... Nos braços, nas pernas, nos seios havia nódoas negras: eram escoriações de amor, compreendi... A visão durou um segundo... Ela fugiu chorando... (p. 34)

No estilo perverso de ser, diz Birman,

... o outro como singularidade insubstituível e inconfundível não pode ser reconhecido enquanto tal. (...) O outro se reduz à condição de um corpo para ser usufruído e devastado pela apropriação perversa. A submissão do outro aos desígnios do gozo perverso é a única condição possível para a existência destas formas de individualidade. Ocupando, pois, a posição quase impossível da absoluta *atividade*, a individualidade perversa pretende enfim sempre colocar o outro na posição, também impossível, da *passividade* absoluta. (1996, p. 17)

Mas, afinal, qual a explicação analítica do sentido e propósito do fetiche?

Em “O fetichismo” (1927), Freud nos diz que o fetiche deve ser considerado substituto do pênis, não o substituto de um pênis qualquer, mas sim de um pênis determinado e muito particular, que teve grande importância nos primeiros anos de vida infantil, mas que logo depois foi perdido. Em outros termos: normalmente esse pênis deveria ter sido abandonado, porém precisamente o fetiche está destinado a preservá-lo da extinção. Para dizer de modo mais simples: o fetiche é o substituto do falo da mulher – da mãe – em cuja existência o menininho outrora acreditou e que agora não deseja abandonar.

O menino, continua Freud, recusa tomar conhecimento do fato percebido por ele de que a mulher não tem pênis; pois se uma mulher está castrada, então sua própria possessão de um pênis corre perigo, e contra isso se rebela essa porção de narcisismo com que a previdente Natureza dotou justamente esse órgão. Assim, mantém-se, por parte do menino, a falsa percepção em um pênis materno, e, nesse sentido, fez-se necessário aqui colocar em jogo uma ação extremamente energica no intuito de manter a rejeição da percepção real. No entanto, não é certo que o menino, após essa sua observação do corpo da mulher, tenha preservado inalterada a crença no falo feminino. Conserva essa crença, mas também a abandona. No conflito entre o peso da percepção ingrata e o poderio do desejo oposto, chega a um compromisso, tal como só é possível sob o domínio das leis do pensamento inconscientes. No mundo da realidade psíquica, a mulher conserva, com efeito, um pênis, apesar de tudo, mas esse pênis já não é o mesmo que era antes. Outra coisa veio ocupar seu lugar, foi declarada, de certo modo, seu substituto e é agora herdeira do interesse que antes estava dedicado ao pênis. Além do que, este interesse experimenta ainda um extraordinário reforço, porque o horror à castração se ergue a si mesmo uma espécie de monumento ao criar tal substituto. Ademais, como um *estigma indelével* do recalque operado,

conserva-se também uma aversão contra todo órgão genital feminino real, que nunca está ausente em nenhum fetichista. Adverte-se agora que função cumpre o fetiche e que força o mantém: subsiste como um emblema do triunfo sobre a ameaça de castração, ao mesmo tempo que uma salvaguarda contra esta mesma ameaça.

Segundo Birman (1996), o fetichismo, como modalidade cardinal da perversão, seria a maneira pela qual o sujeito evitaria, a todo custo, a experiência da castração materna de seus emblemas fálicos e o efeito consequente de reconhecimento da *diferença sexual*. Porém, são exatamente essas duas condições que possibilitam estabelecer a diferença entre as individualidades; o que vale dizer,

... a individualidade pode apenas ser constituída como *singularidade* na medida em que se constitua o sujeito da diferença. Enfim, a possibilidade de existência, num universo permeado pelas diferenças significativas entre sujeitos singulares, apenas seria possível pela instauração inflexível da diferença sexual. (p. 16)

No entanto,

... esta impossibilidade de acolhimento da diferença sexual e o horror provocado pelo seu reconhecimento têm efeitos devastadores na economia psíquica do indivíduo: fragmentação corpórea e psíquica, excesso de auto-investimento narcísico para se contrapor custe o que custar à fragmentação sempre iminente e a impossibilidade de reconhecimento de qualquer outro. A possibilidade de que o outro seja vislumbrado no horizonte como algo da ordem da diferença e da singularidade, mesmo que seja no lusco-fusco de uma percepção pontual, é o suficiente para que a individualidade perversa seja subvertida nas suas certezas e lançada no abismo do colapso corpóreo. (p. 17)

131

Corpo e temporalidade

Numa determinada manhã, ao entrar no ateliê de Raul, o narrador encontra o amigo reclinado num divã, numa atitude pensativa. Raul, para surpresa do amigo, diz que acabara de ler, por “*mero acaso*”, uns versos e comenta: “— Ah! *Meu amigo, a leitura desses versos foi para mim uma revelação*”. E o escultor então pega um velho papel e, numa voz sonora, lê para o amigo a poesia *Ironias do desgosto* de Cesário Verde.

Ao final da leitura, exclama o narrador: “— É linda a poesia... *Leste-a magnificamente...*”. Raul, no entanto, conservava-se “*calado e sorumbático*”.

— *Esses versos entristeceram-te, não?*
— *Entristeceram.*

— *E por quê?*

— *Porque vieram aclarar no meu cérebro uma idéia que germinava há muito nele. Sim! É horrível a vida! Somos novos, amamos, e cada dia vai consumindo o nosso organismo, envelhecendo-nos... Assistimos, nós mesmos, à morte lenta do nosso corpo... Não terei coragem para resistir a tal suplício... O remédio é simples...* (p. 36-9)

O tema da poesia de Cesário Verde é a passagem do tempo e o desgaste dos corpos; tema que parece ter tocado Raul de maneira profunda e inesperada. A leitura da poesia o deixa melancólico, suscitando então em seu “*cérebro uma idéia que germinava há muito...*” Essa consciência súbita e inquietante da passagem do tempo se torna uma ameaça e o sujeito confessa – “*cada dia vai consumindo o nosso organismo, envelhecendo-nos... Assistimos, nós mesmos, à morte lenta do nosso corpo...*”

Segundo Caïn (2001), o corpo é o lugar com o qual o tempo mais tem a ver; sem o corpo, não há suporte e, então, não há vida. É no corpo que o tempo manifesta o seu desenrolar e onde se pode melhor perceber os sinais da degradação progressiva que o tempo acarreta.

Raul, afetado pela transitoriedade das coisas do mundo, mergulha então nessa tristeza, em uma melancólica condição de desamparo.

Algumas semanas após esse encontro, numa determinada noite, o narrador vai em visita ao amigo quem porém o recebe é Marcela. Raul havia saído. Marcela então confidencia ao amigo:

— *Não sei o que ele tem... Há uns tempos para cá, anda triste... muito triste. Tenho-o interrogado. Dá-me sempre respostas evasivas: que o deixe, que é imaginação minha, que não tem nada... Ele tem qualquer coisa, asseguro-lhe... Começa às vezes com umas divagações tão extraordinárias! Olhe, ainda anteontem me perguntou, sem mais nem menos, se eu me queria suicidar com ele nessa mesma noite, morrer feliz nos seus braços!... E era tão dura a expressão do seu rosto, tão desabitual o brilho dos seus olhos, que o sorriso me expirou nos lábios. Um calafrio percorreu-me todo o corpo...* (p. 40-1)

O amigo então promete a Marcela que conversaria com Raul. “*Às onze horas, Raul entrou. No seu rosto notava-se uma profunda melancolia; um ar vago, louco; o cabelo em desalinho, o olhar febricitante...*” Marcela, pretextando uma dor de cabeça, se retira. O amigo e Raul ficam a sós...

— *Que tens, diz!*

— *Nada, homem.*

— *Vamos, desabafa!*

— *Tu não podes avaliar o tamanho do meu suplício... Não podes... A tua*

alma não comprehende a minha... nem a tua, nem a de ninguém. Tenho horror à vida... meu amigo, tenho horror à vida... Tenho horror à morte... Não posso viver... Não quero morrer... não quero morrer... É horrível... horrível... Que ando a fazer neste mundo? O mesmo que as outras pessoas, bem sei... Ah! mas é justamente isso que me aterra, que me horroriza... Vivo como todos, à espera da velhice... percebes? À espera da morte, comprehendes?...

Hoje sou novo... Marcela é nova... Somos belos... Os nossos corpos, esbeltos, flexíveis... Mas amanhã?... Amanhã... Terrível! Seremos velhos... A carne amolecida, já não desejará a carne... A alma, que nunca envelhece, que ama sempre, já não saberá nem poderá amar!... Não poder obstar a que os dias passem!... Se eu pudesse pensar, encarar as coisas como todos as encaram... mas não posso... não posso... A minha alma é diferente de todas as outras almas!...

Se Marcela pensasse como eu, podíamos ser tão felizes... tão felizes... Morrer com ela... com os nossos corpos entrelaçados... Num êxtase supremo dos sentidos... para morrer só, falta-me a coragem... tenho medo... Mas ela não pensa como eu... ela pensa como todos... Ela gosta da vida... da vida... da vida... da vida!... (p. 44-7)

Na dor de existir, Raul confessa: “não posso viver, não posso viver... Não quero morrer... não quero morrer... É horrível... horrível... Que ando a fazer neste mundo?” “Uma ferida narcisista que insiste em sangrar levando o indivíduo a vivenciar tanto a perda de seu valor como um impedimento no reconhecimento do outro...” – “Mas ela não pensa como eu... ela pensa como todos... Ela gosta da vida... da vida... da vida!” Um outro que “só poderá existir à medida que sirva como instrumento de gozo e de satisfação de suas pulsões. Essa satisfação necessita se tornar independente do desejo do outro, pois esse não se mostra como digno de confiança, podendo esgotar o pouco que lhe resta. Há, então, uma necessidade incessante de que o outro esteja a serviço da manutenção de uma fusão primária.” – “Morrer com ela... com os nossos corpos entrelaçados... Num êxtase supremo dos sentidos... para morrer só, falta-me a coragem... tenho medo...” – “Estabelece-se uma luta contra situações de perda e separação, instituindo defesas que levam o sujeito a buscar uma fusão narcísica” (Naves, 1999, p. 115).

Há algo por demais ameaçador nesse “não poder obstar a que os dias passem!...”, algo que impede o sujeito de poder se colocar só, em sua singularidade, ante o mundo em toda sua diversidade. “Tu não podes avaliar o tamanho do meu suplício... Não podes... A tua alma não comprehende a minha... nem a tua, nem a de ninguém..., não posso viver... Não quero morrer... Se eu pudesse pensar, encarar as coisas como todos as encaram... mas não posso... não posso... A minha alma é diferente de todas as outras almas!...”

Configurando-se, dessa maneira, para o sujeito, o temor a qualquer separação ou diferença, vendo-se agora colocado ante a ameaça do mais completo desamparo, na iminência mesmo de se ver lançado em pleno auge de uma sensação de vazio e fragmentação.

É na precisa impotênciade sustentar a angústia surgida ante esse estado de desamparo que Raul então quer se fundir ao outro, em uma fusão onde já não mais existiria a insustentável carga da individuação, fusão paradoxalmente prefigurada, precisamente, na própria morte. *“Se Marcela pensasse como eu, podíamos ser tão felizes... tão felizes... Morrer nos seus braços... Morrer com ela... num êxtase supremo dos sentidos...”*

Como se houvesse a necessidade premente de *um corpo para dois* – esse fantasma primordial onde o sujeito busca ser um com a *mãe-universo* da primeira infância, que tem seu protótipo biológico na vida uterina e em sua prolongação imaginária no recém-nascido (McDougall, 2001).

Segundo Freud (1925b), o surgimento e desenvolvimento da angústia é uma reação à situação de perigo, configurada aqui pela ameaça de castração ou algo derivado da mesma. Angústia que se renova todas as vezes que o sujeito se depara com qualquer novo estado de perigo. Assim, o medo de morrer – que a própria temporalidade já de per si assinala – deve, em última instância, se concebido como análogo ao medo da castração.

A autodestruição – o tempo subjugado

Numa determinada noite, após passar a tarde toda fechado no ateliê e mostrando-se bastante alegre, Raul conduz Marcela até esse compartimento. Ao abrir a porta, Marcela, perplexa, solta uma exclamação. A sala, profusamente iluminada, estava tomada de flores por toda a parte. Ajoelhando-se aos pés de Marcela, Raul, enfático, exclama:

É chegado o momento... Vou-te convencer da grandeza sobre-humana do meu amor!... O amor, que devia ser um sentimento todo da alma, é um sentimento só dos sentidos... Ama-se uma mulher porque ela é linda... por causa dos seus cabelos, dos seus olhos, da sua boca... de todo seu corpo... Pode-se amar uma mulher feia pelos seus vícios estonteantes, perversos... Ah! mas ninguém ama um corpo sem fogo, um corpo de carne mole e repugnante; ninguém beija um rosto sem nariz... uns olhos cegos, uns lábios contraídos na cristação de uma ferida malcicatrizada... Pois bem! Fosses tu cega, fosse o teu corpo todo uma chaga e eu amar-te-ia com o mesmo amor... com maior amor!... Sim! Marcela, eu amo-te acima de tudo!... Ah! eu gosto dos teus beijos... da tua carne... gosto

de enlaçar as minhas pernas nas tuas... Mas isso que vale?! O que amo é a tua alma e essa, seja feio o corpo, será sempre bela... amá-la-ei sempre... sempre... sempre!... Não me acreditas... não crês o meu amor tão forte... Vou-te provar que não minto... Vou-te dar a maior prova de amor... Ouve-me, comprehende-me, e não tenhas medo: Vou despedaçar a obra-prima do teu rosto... torná-lo uma cicatriz hedionda, onde não se conheçam as feições... sem olhos... sem lábios... E assim, um monstro repelente, continuarei a amar-te, amar-te-ei muito mais, porque todo o tempo será para ver a tua alma... a tua querida almaçinha... Não tenhas medo... não grites... não grites... Vais ser muito feliz... De hoje em diante, nenhuma nuvem obscurecerá o céu azul da nossa vida... Já não recearei o tempo... o Tempo não envelhece um corpo chagado... Que os anos passem... que venha a morte... Nada nos importará... nada... (p. 65-8).

Raul num delírio de loucura, correu e pegou um frasco. Marcela, aterrorizada, ainda sem perceber direito o que acontecia, chorando, tentava fugir. Raul, com o frasco de ácido na mão, tentava impedir que Marcela chegassem à porta e bradou:

Não fujas... não chores... Isto é vitríolo... vou-to lançar ao rosto... espalhá-lo pelo teu corpo... Vou-te matar o corpo para dar mais vida à alma... vou-te dar a eternidade... fazer parar o tempo... Espera... não grites... não tenhas medo... (p. 68).

Marcela, tomada de pavor, buscava em desespero a porta de saída. Raul, por fim, agarrou-a. Com o frasco de ácido na mão, exclamou enraivecido:

Miserável! És como as outras... Gostas de ser bonita... Gostas de excitar os homens... Devassa... Devassa!... Vou escangalhar toda a tua beleza... vais ficar horrorosa... Todos fugirão de ti... ninguém te quererá... mas eu quero-te... quero-te... Meu amor... Meu amor!... (p. 68).

Marcela, num esforço supremo, cravou os dentes na mão que empunhava o frasco. A dor foi tão forte que Raul o largou. Caiu no assoalho, porém não se quebrou. Marcela pôde então ganhar a saída e fugir.

A fantasia de imortalidade – diz André Green (1988) – manifesta-se como um estado de idealização do *eu* que sabemos estar, no entanto, ameaçado em sua existência. Um *eu* que seria todo narcisismo, opondo-se a um *eu* dependente de seu objeto primário onipotente. Nas suas formas mais elaboradas de expressão, o *eu* desdobrado não necessita mais do objeto complementar pertencente ao outro sexo. A completude narcísica não é mais resultado da fusão com o objeto; nasce agora da relação que o *eu* estabelece com seu duplo. Um *eu* fazendo amor a si mesmo, ou à sua expressão desdobrada, não sendo mais inquietado nem pela angústia de castração nem pela morte.

O *eu* não defende mais apenas sua integridade ou sua unidade por meio do anseio pela imortalidade. Nega seus limites no espaço e no tempo. Não conhece mais a finitude do estar-aí ou a usura do aqui-e-agora.

Assim,

... além do despedaçamento que fragmenta o Eu e o faz retornar ao auto-erotismo, o narcisismo primário *absoluto* anseia pelo repouso mimético da morte. É a busca do não-desejo do Outro, da inexistência, do não-ser, outra forma de acesso à imortalidade. O Eu nunca é mais imortal do que quando diz não ter mais órgão, não ter mais corpo. (Green, 1988, p. 300)

A partir dessas colocações de Green, pensaríamos em um Raul que procura atingir a imortalidade na criação de seu duplo imortal em Marcela, cujo corpo desejado imune à passagem do tempo, pois que desfigurado – “Já não recearei o tempo... o Tempo não envelhece um corpo chagado... Que os anos passem... que venha a morte... Nada nos importará... nada...” Tornada só alma, numa pura beleza transcendente a qualquer marca do tempo – “Vou-te matar o corpo para dar mais vida à alma... vou-te dar a eternidade... fazer parar o tempo...” Um Raul agora imortal, liberto da ameaça do menor sinal de diferença ou alteridade no objeto; um Raul em completude narcísica com seu duplo, fazendo amor a si mesmo, na busca insana de não mais ser inquietado nem pela angústia de castração nem pela morte.

O escultor, como que pregado ao solo, olhava como um sonâmbulo para o corredor por onde Marcela tinha desaparecido. Após alguns minutos, saindo da sua abstração, Raul apanhou o frasco que estava no chão e bebeu de um trago todo o seu conteúdo. Quando os criados entraram no ateliê, alertados por todo aquele barulho, viram Raul contorcido no estertor de uma agonia horrível, convulsionado nas dores cruciantes do seu peito, dos seus intestinos queimados pelo líquido corrosivo...

Vemos, então, um Raul ser lançado em pleno vértice de um sofrido delírio, submergir em um misto de sentimentos indistintos, evocar num mesmo diapasão tanto – “Vou-te dar a maior prova de amor...”, quanto “Vou despedaçar a obra-prima do teu rosto... torná-lo uma cicatriz hedionda, onde não se conhecem as feições... sem olhos... sem lábios...”.

Admitida a idéia de uma fusão entre as pulsões de vida e de morte – diz Freud – surge a possibilidade de uma dissociação mais ou menos completa entre as mesmas. Assim, no componente sádico da pulsão sexual teríamos um exemplo clássico de uma mescla adequada entre as duas qualidades de pulsões; já no sadismo, tornado independente como perversão, estaríamos vendo o protótipo de uma dissociação pulsional (1923).

Nas encruzilhadas do ódio – escreve Enriquez – sobrepõem-se obrigatoriamente um sofrimento corporal e mental excessivos. O sofrimento e o

ódio encontram-se em um determinismo circular, no qual o sofrimento torna-se causa de ódio e o ódio causa de sofrimento. Este mesmo tipo de causalidade pode ser encontrado no jogo mantido entre as angústias de morte e as pulsões de morte. Sabemos que toda angústia de morte, levada ao auge, coloca em movimento – pelo padecimento corporal e psíquico que desperta – uma força destrutiva que visa tudo aniquilar (inclusive a si mesmo), suscitando desprazer, sofrimento e desespero. (1999, p. 9-10)

Desse modo, em pleno desvario, tomado pela aflição e dor, Raul subjuga enfim, em seu ato derradeiro, a opressiva temporalidade. Abolindo, dessa maneira, o futuro enquanto marca do mistério da morte: como se, ao matar-se, buscassem um futuro sem segredos; um futuro claro e legível, sem a obscura reserva da morte indecifrável. Tornar o futuro sem espessura é o que o suicida pretende. No suicídio, o desejo é o de morrer abstendo-se da morte (Knobloch, 1998).

Considerações finais

Neste ponto do trabalho, algumas questões se colocam. A primeira nos faz indagar: mas, afinal, qual o significado da dimensão Tempo para a personagem Raul?

Vemos, com o transcurso da novela, um Raul que se mostra em crescente angústia ante a ameaçadora figura do Tempo, o que nos deixa deduzir da evidência de marcantes traços persecutórios na constituição psíquica da personagem.

Aqui – num paralelo à referência feita por Freud (1911) no tocante à figura do Sol, quando de sua análise do caso Schreber – permitimo-nos aventar a possibilidade do Tempo se configurar para Raul enquanto um “símbolo sublimado do pai”.

Um Tempo-símbolo que, no entanto, se dimensionaria para Raul acima de qualquer Lei. Tempo Absoluto, para além do Bem e do Mal; Tempo desumanizado e a-histórico, sem passado, sem futuro, marcado apenas por um eterno presente sem vicissitudes. “Um tempo não-domesticado, o tempo selvagem acuado que volta e ameaça submergir tudo” (Pelbart, 1998, p. 151). “Pura forma vazia do tempo, que se liberou de seu conteúdo corporal” (Ibid., p. 72). Um Tempo, enfim, desnaturalizado, tornado tirânico em sua anomia.

Tempo, aqui, pensamos, configuração de um Pai,

... autor original e autônomo das Leis, tendo-se como o próprio princípio das leis, sendo ao mesmo tempo temido e admirado, ao qual o sujeito na onipotência de seus pensamentos delega um poder sem limites, ainda que obscuro em seus desígnios, que protege e que pune. Configurando assim a imagem de um pai idealizado. (Rosolato, 1969a, p. 39)

Pai Idealizado “tido fantasmaticamente enquanto o autor arbitrário da Lei, tanto moral quanto científica, que impõe conjuntamente a diferença dos sexos, a procriação e a proibição do incesto” (Rosolato, 1969b, p. 267).

Pai Idealizado que, ao se confundir ele próprio com a Lei, se coloca assim em confronto direto com essa outra configuração do Pai designado, agora, não mais enquanto o criador da Lei, mas como seu representante. Pai segundo a Lei sucedendo ao Édipo e tendo ele mesmo conhecido sua própria castração, capaz de suportar a falta em si mesmo (Rosolato, 1969a). E é somente dessa forma, por meio da travessia do Édipo e da castração, que se pode ter acesso ao Pai Morto, Pai Simbólico segundo a Lei (Rosolato, 1990).

Em nosso estudo, vemos a configuração de um Tempo Idealizado – figura antropomórfica do Pai Idealizado; Pai sobre o qual – comenta Piera Aulagnier – o perverso projetou sua própria onipotência narcísica, situando-o assim fora da castração e, por isso mesmo, fora da Lei (*Ibid.*). Sendo, precisamente, essa problemática do Pai e da Lei, acrescenta Aulagnier, o ponto central para qualquer conceitualização da estrutura perversa (*Ibid.*).

Considerando, ainda, Piera Aulagnier que a imutabilidade própria do cenário perverso demonstraria uma tentativa de domínio do tempo; condição que, segundo essa autora, permite uma possível via de acesso para se estudar as relações do perverso com a morte (*Ibid.*).

Pensamos, assim, poder reportar esse embate sem tréguas entre um acuado Raul e a voracidade desse temível Tempo, ao qual está sendo atribuído um poder ilimitado, à relação entre o menino e seu pai.⁴ Segundo Freud (1912), o filho atribui, com efeito, a seu pai uma semelhante onipotência, em proporção direta ao maior ou menor grau de poder que lhe fora anteriormente atribuído.

4. Para Freud, a idéia de ser devorado pelo pai é uma antiguíssima representação típica infantil, expressão regressiva de um impulso amoroso passivo do desejo de ser amado pelo pai no sentido do erotismo genital (1925b). Freud relaciona esse temor de ser devorado pelo pai a uma regressão à fase oral. E comenta: aqui “é impossível não lembrar um fragmento primitivo da mitologia grega que nos conta como Cronos, o velho Deus Pai, devorou seus filhos e tentou devorar, como aos demais, o seu filho mais novo Zeus, e como este foi salvo pela habilidade de sua mãe que, posteriormente, castrou o pai” (1938a, p. 3377).

É interessante observar que “Cronos é muitas vezes confundido com o Tempo (Chronos), do qual se tornou a personificação para os intérpretes antigos da mitologia. Como tantas vezes acontece, tais interpretações, se bem que fundadas num jogo de palavras, exprimem assim mesmo uma parte de verdade. Cronos, mesmo que não seja identificado a Chronos, tem o mesmo papel do tempo: devora, tanto quanto engendra; destrói suas próprias criações” (Chevalier & Gheerbrant, 2002, p. 307).

Raul, então, estaria projetando sobre o Tempo – personificação da figura paterna – aspectos de seu próprio mundo interno terrífico.

A projeção ao exterior de percepções internas – escreve Freud – é um mecanismo primitivo ao qual se acham também submetidas nossas percepções sensoriais e que desempenha, portanto, um papel capital em nosso modo de representação do mundo exterior. Em condições, no entanto, insuficientemente elucidadas, nossas percepções internas de processos afetivos e intelectuais são, como as percepções sensoriais, projetadas de dentro para fora e utilizadas para a configuração do mundo exterior em lugar de permanecerem localizadas em nosso mundo interno. (1912, p. 1788).

Uma outra questão se apresenta: como poder-se-ia explicar, metapsicologicamente, essa evidente desestruturação psíquica da personagem Raul?

Segundo Freud, o *eu* se vê freqüentemente na situação de rechaçar uma pretensão do mundo exterior que lhe resulta penosa, coisa que consegue mediante a *recusa* das percepções que lhe informam dessa exigência colocada pela realidade (1938b). Na novela de Sá-Carneiro, vemos a personagem Raul utilizar de determinados artifícios no intuito de fazer frente à temível temporalidade. Inicialmente, ao esculpir suas estátuas, “*que não são como as outras, que têm vida... Faço vida, o tempo passa sobre as minhas estátuas, não passa sobre mim*”, diz Raul. Depois, quando de seu relacionamento com Marcela, o sujeito institui a figura feminina na posição de objeto-fetiche; estátua viva a ser “*cinzelada*” pelo marido-escultor.

Se inicialmente Marcela, “*de bom grado, se prestava a todas as suas fantasias*”, já em outro momento se rebela de seu papel passivo de objeto-fetiche. Raul então confessa ao amigo: “*mas ela não pensa como eu... ela pensa como todos... ela gosta da vida... da vida!*” E quando o objeto-fetiche se esquia de seu papel na manutenção do poder narcísico do fetichista, diz Rosolato

... a descompensação que se segue assumirá a forma de uma depressão, razão pela qual o sujeito virá à consulta. Esse ponto é importante na teoria das depressões e da psicose maníaco-depressiva em suas relações com o fetichismo. (1990, p. 26-7)

Sabemos, sem dúvida, da importância do objeto-fetiche para a economia psíquica do sujeito fetichista, do quanto o mesmo depende desse objeto para o seu equilíbrio narcísico. Se o fetiche, refere Freud, foi criado com o propósito de abolir a prova segundo a qual a castração seria possível, de modo que permitisse evitar a angústia de castração, no entanto, esse mecanismo defensivo mostra-se uma medida de um alcance parcial, tentativa incompleta para desprender-se da realidade. A recusa sempre se complementa com uma aceitação; sempre se estabelecem duas posições antagônicas e mutuamente independentes, que resultam em uma *clivagem do eu* (1938b).

Vemos, em nossa história, um Raul ser lançado a um conflito intransponível entre seu desejo de imortalidade e a realidade que lhe assinala a inevitabilidade da passagem do tempo, de uma temporalidade que já em si delineia, no horizonte, o fantasma da morte. Manifesta-se aqui, então, essa *clivagem do eu*. De um lado, vê-se um *eu* submisso às pressões do *isso*, que ignora a temporalidade, a morte ou qualquer obstáculo à realização de seus desejos mais prementes; de outro, tem-se o *eu* que procura adequar-se ao princípio de realidade, que teme as ameaças de castigo e a perda de amor por parte de um *supereu* – aqui, ativamente projetado na configuração de um Tempo inflexível e cruel, figura antropomórfica da imagem paterna – freqüentemente tão intransigente em suas demandas quanto o próprio *isso*.

O *eu* – diz Freud – deve sua origem e suas mais importantes características adquiridas à relação com o mundo externo real; em consequência, estamos preparados para aceitar que os estados patológicos do *eu*, nos quais volta o mesmo a aproximar-se mais ao *isso*, fundamentam-se na abolição ou num afrouxamento dessa relação com o mundo externo. Dessa maneira, a experiência clínica nos demonstra que a causa desencadeante de uma psicose radica em que, ou bem a realidade tornou-se intoleravelmente penosa, ou bem as pulsões se tornaram extraordinariamente exacerbadas – mudanças que fazem surtir idêntico efeito, levando-se em conta as exigências antagônicas colocadas ao *eu* pelo *isso* e pelo mundo externo. O problema das psicoses seria simples e inteligível se o desligamento do *eu* em relação à realidade pudesse efetuar-se integralmente. Mas isto parece ocorrer só em raros casos, ou talvez, nunca. (1938b, p. 3415)

Enfim, pensamos ver Raul, ante o surgimento da intensa angústia decorrente da manifesta fragilidade da construção do seu objeto-fetiche, retirar desse mesmo objeto o superinvestimento libidinal aí anteriormente colocado, com a consequente retração dessa intensa carga energética para o próprio *eu* do sujeito. Dessa maneira, a libido liberada é acumulada no *eu*, sendo utilizada para engrandecê-lo. Alcançando-se, então, novamente o estágio do narcisismo que já é conhecido pelo estudo da evolução da libido, e no qual era o próprio *eu* o único objeto sexual (Freud, 1910).

Se antes a garantia de imortalidade estava depositada no objeto-fetiche, agora, engrandecido por toda essa quantidade de energia libidinal retirada do objeto, vemos o próprio *eu* do sujeito lançar mão de um delírio megalomaníaco de imortalidade, no intuito último de fazer frente à iminente ameaça de esfacelamento por parte desse intransigente e persecutório Pai-Tempo.

Para além de uma perspectiva psicopatológica estritamente individual, é interessante ressaltar o quanto essa peculiar percepção do Tempo, nesta novela de Sá-Carneiro, mostra aqui um caráter marcadamente premonitório do que se tornará um claro atributo inerente à dimensão da temporalidade na cosmovisão

da Pós-Modernidade. Nesse sentido, Pelbart assinala que a versão contemporânea da negação do tempo,

... devida em grande parte aos avanços da tecnologia, à velocidade da telecomunicação, sobretudo ao tempo real da informática, é o anseio por uma espécie de imortalidade tecnocientífica. Não vivemos mais um tempo que passa, mas uma instantaneidade sem espessura, fixada no presente hipnótico do tubo catódico. É a maneira astuciosa com que a pós-modernidade se atribui uma pseudo-imortalidade, abolindo o tempo e sua dimensão estrangeira, construindo uma eternulidade chapada, conjurando a potência de estranhamento do tempo. (2000, p. 196)

Em contraponto a esse modo de apreender o Tempo, gostaria de concluir deixando soar as poéticas e clarividentes palavras de Freud em seu pequeno ensaio sobre a “Transitoriedade” (1915):

O caráter transitório do belo não implica sua desvalorização. Ao contrário, esse caráter importa precisamente em um acréscimo de seu valor, deixando que se evidencie um valor de raridade no tempo. É assim que as limitadas possibilidades de se poder fruir do belo em sua mais absoluta plenitude torna-o ante nós tanto mais precioso.

No curso de nossa existência vemos paulatinamente exaurir-se a beleza de um rosto, os encantos de um corpo; no entanto, esta fugacidade vem apenas lhes agregar um renovado encanto. Uma flor não nos parece menos bela porque suas pétalas só se mostrem exuberantes na efemeridade de uma noite.

Referências

BERLINCK, Manoel Tosta. *Psicopatologia fundamental*. São Paulo: Escuta, 2000.

BIRMAN, Joel. Prefácio. In: HELSINGER, Luís Alberto. *O tempo do gozo e a gozação: a temporalidade na perversão*. Rio de Janeiro: Revan, 1996, p. 11-26.

CAÍN, Jacques. Contratransferência e psicossomática. In: McDougall, Joyce et al. *Corpo e história*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001, p. 213-266.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 17 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

ENRIQUEZ, Micheline. *Nas encruzilhadas do ódio: paranóia, masoquismo, apatia*. São Paulo: Escuta, 1999.

FREUD, Sigmund (1910). Observaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia (“dementia paranoides”) autobiograficamente descrito. In: *Obras completas*. 4^a ed. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981, p. 1487-528. t. II.

_____. (1912). Tótem y tabú. In: *Obras completas*. Op. cit., p. 1745-850. t. II.

_____. (1914). Introducción al narcisismo. In: *Obras completas*. Op. cit., p. 2017-33. t. II.

____ (1915). Lo perecedero. In: *Obras completas*. Op. cit., p. 2118-20. t. II.

____ (1919). Lo siniestro. In: *Obras completas*. Op. cit., p. 2483-205. t. III.

____ (1921). Psicología de las masas y análisis del “yo”. In: *Obras completas*. Op. cit., p. 2563-610. t. III.

____ (1923). El “yo” y el “ello”. In: *Obras completas*. Op. cit., p. 2701-28. t. III.

____ (1925a). Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia sexual anatómica. In: *Obras completas*. Op. cit., p. 2896-903. t. III.

____ (1925b). Inhibición, síntoma y angustia. In: *Obras completas*. Op. cit., p. 2833-83. t. III.

____ (1927). Fetichismo. In: *Obras completas*. Op. cit., p. 2993-6. t. III.

____ (1938a). Escisión del “yo” en el proceso de defensa. In: *Obras completas*. Op. cit., p. 3375-7. t. III.

____ (1938b). Compendio del psicoanálisis. In: *Obras completas*. Op. cit., p. 3379-418. t. III.

GREEN, André. *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta, 1988.

____ *O desligamento: psicanálise, antropologia e literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

KNOBLOCH, Felicia. *O tempo do traumático*. São Paulo: Educ, 1998.

LAPLANCHE, Jean. & PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da psicanálise*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

McDOUGALL, Joyce. Um corpo para dois. In: McDougall, Joyce et al. *Corpo e história*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001, p. 9-46.

NAVES, Emilse Terezinha. O papel da recusa nas relações entre o narcisismo e a perversão. *Revista Latinoamericana de Psicopatología Fundamental*, São Paulo, v. II, n. 2, p. 108-120, jun. 1999.

PELBART, Peter Pál. *O tempo não-reconciliado*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

____ *A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea*. São Paulo: Iluminuras, 2000.

ROSOLATO, Guy. Du Père. In: *Essais sur le symbolique*. Paris: Gallimard, 1969a, p. 36-58.

____ Généalogie des perversions. In: *Essais sur le symbolique*. Paris: Gallimard, 1969b, p. 264-26.

____ Estudo das perversões sexuais a partir do fetichismo. In: CLAVREUL, Jean et al. *O desejo e a perversão*. Campinas: Papirus, 1990, p. 9-49.

SÁ-CARNEIRO, Mário de. *Loucura... e o incesto*. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1997.

SANTOS, Cláudia Paula. Temporalidade narcísica. *Percurso Revista de Psicanálise*, São Paulo, n. 26, p. 85-92, 1º semestre 2001.

Resumos

Este texto desarrolla el análisis de una organización psíquica marcada por expresivos trazos perversos, teniendo como eje privilegiado las manifestaciones de la im-

plicación cuerpo-tiempo. Se utiliza como material de análisis la novela “Loucura...” del poeta portugués Mário de Sá-Carneiro (1890-1916). Se apunta la supervaloración del yo y la correlativa descalificación del objeto, siendo que el objeto es así elevado a la condición de fetiche en el esfuerzo, por parte del sujeto, de evitar la angustia de castración y el reconocimiento de la diferencia sexual. Se señala también cuanto estar sumergido en la completud narcisista hace instaurar la ilusión de un tiempo eterno, sin amenazas y sin angustias.

Finalmente, deshechas ciertas garantías ilusorias, se ve el sujeto en el más completo desamparo, arrojado para un inevitable colapso psíquico.

Palabras claves: Cuerpo, objeto-fetiche, narcisismo, temporalidad

Ce texte développe l'analyse d'une organisation psychique marquée par des traits pervers expressifs, en prenant comme axe privilégié les manifestations de l'implication Corps-Temps. On utilise comme matière de l'analyse la nouvelle “Loucura...” du poète portugais Mário de Sá-Carneiro (1890-1916).

On désigne la survalorisation moïque et la disqualification de l'objet correlative, et l'on perçoit alors l'objet comme étant élevé à la condition de fétiche dans la tentative de la part du sujet d'éviter l'angoisse de la castration et la reconnaissance de la différence sexuelle.

On signale aussi à quel point être immergé dans la complétude narcissique fait établir l'illusion d'un temps éternel, sans menaces et sans angoisses.

Enfin, certaines garanties illusoires une fois annulées, on voit le sujet, dans l'état de détresse le plus complet, être jeté devant un inévitable effondrement psychique.

Mots clés: Corps, objet-fétiche, narcissisme, temporalité, état de détresse

143

This text presents an analysis of a psychic organization marked by severe perverse traits, taking manifestations of the body-time implication as a central theme. The novel “Loucura...,” by the Portuguese poet Mário de Sá-Carneiro (1890-1916) is used as a basis for analysis. The overvaluation of the ego and the correlate disqualification of the object are discussed, the object then being raised to the condition of a fetish as the subject tries to avoid the castration anxiety and the recognition of difference between the sexes. Also discussed is the question regarding to what extent being immersed in narcissistic plenitude creates an illusion of eternal time, without threats and without anxieties.

Finally, with certain illusory guarantees eliminated, the subject is seen in a situation of total helplessness in the face of unavoidable psychic collapse.

Key words: Body, fetish-object, narcissism, temporality and helplessness